

1

Tom avançou o mais silenciosamente possível pelo chão de tacos, atravessou o limiar da casa de banho e parou, à escuta.

Zl-zzz-zl-zzz-zl-zzz.

Os animaizinhos diligentes lá estavam outra vez, embora Tom pudesse ainda cheirar o *Rentokill* que meticulosamente injetara nos buracos por onde saíam, nos sítios por onde andavam, naquela tarde. A serração prosseguia como se os seus esforços de nada tivessem servido. Olhou para a toalha cor-de-rosa dobrada por baixo de uma das prateleiras de madeira, e viu — já — um minúsculo montinho de pó fino acastanhado.

— *Calem-se!* — disse Tom, desferindo um murro contra o armário.

Calaram-se. Silêncio. Tom imaginou os bichinhos de serra na mão, parados, a entreolharem-se, apreensivos, mas talvez também acenando, como quem diz: «O costume. O “senhor” voltou, mas não tardará a ir-se embora.» A experiência não era nova para Tom: se entrava na casa de banho em passo normal, sem pensar sequer no caruncho, detetava, às vezes, o zumbido diligente dos animaizinhos antes que estes dessem por ele; porém, mais um passo ou o abrir de uma torneira calava-os por alguns minutos.

Para Héloïse, Tom exagerava na preocupação.

— Passarão anos antes que o armário *caia*.

O que Tom detestava era o facto de ter sido derrotado pelo caruncho, que o caruncho o obrigasse a soprar o pozinho dos pijamas lavados e passados a ferro quando ia buscar um à prateleira, que a compra e a aplicação de um produto francês chamado *Xylophene*

(nome de luxo do querosene) e a consulta de duas enciclopédias na biblioteca tivessem sido inúteis. O *Camponotus* abre, roendo, galerias na madeira e constrói o seu ninho. Ver *Campodea*. Desprovido de asas, cego, serpentiforme, foge da luz e vive sob rochas. Tom não conseguia imaginar as suas pragas serpentiformes — e elas não viviam sob rochas. Fora de propósito a Fontainebleau, na véspera, comprar o bom velho *Rentokill*. Sim, na véspera lançara a sua Blitzkrieg, naquele dia lançara o segundo ataque e continuava a ser derrotado. Era difícil, evidentemente, projetar o *Rentokill* para cima, como tinha de ser, porque os buracos estavam do lado de baixo das prateleiras.

O zz-zz-zz recomeçou exatamente quando a música do *Lago dos Cisnes* no gira-discos do andar de baixo entrou, graciosa, noutro trecho, uma valsa elegante, como a troçar dele, à semelhança dos insetos.

«Muito bem, desisto», disse Tom consigo, «pelo menos por hoje.» Quisera que aquele dia e o anterior fossem construtivos: tinha limpado a secretária, deitado papéis fora, varrido a estufa, escrito cartas comerciais, uma delas importante, para Jeff Constant, dirigida à residência deste, em Londres. Tom desistira de a enviar e escrevera-lhe outra, uma carta que pedia a Jeff para destruir imediatamente. Tom aconselhava-o a acabar em definitivo com pretensas descobertas de telas ou esboços de Derwatt e perguntava-lhe, retórico, se os lucros da companhia, ainda florescente, de material de pintura, e a escola de arte em Perugia não eram suficientes. A Buckmaster Gallery, mais propriamente Jeff Constant, fotógrafo profissional e agora sócio da galeria, com Edmund Banbury, jornalista, acalentava a ideia de vender mais uns insucessos de Bernard Tufts ou imitações deficientes da obra de Derwatt. A habilidade resultara até agora, mas Tom queria pôr-lhe termo por motivos de segurança.

Tom decidiu dar um passeio, tomar um café no Georges e mudar de ideias. Ainda só eram nove e meia da noite. Héloïse estava na sala a conversar com a sua amiga Noëlle, em francês. Noëlle, uma mulher casada que vivia em Paris, passaria a noite em casa de Tom, mas sem o marido.

— *Succès, chéri?* — perguntou Héloïse com vivacidade, endireitando-se no sofá amarelo.

Tom riu-se, um pouco amarelamente.

— *Non!* — continuou em francês: — Reconheço a derrota. Fui vencido pelo caruncho!

— A-a-aaaaah — lamentou Noëlle, simpática, rindo depois com gosto.

Estava, sem dúvida, a pensar noutra coisa, morrendo por tornar à conversa com Héloïse. Tom sabia que elas planeavam um cruzeiro de expedição, em fins de setembro ou princípios de outubro, talvez ao Antártico. O marido de Noëlle já recusara firmemente: razões de negócios.

— Vou dar uma voltinha. Dentro de meia hora já cá estarei outra vez. Precisam de cigarros? — perguntou às duas.

— Ah, *oui!* — disse Héloïse, referindo-se a um maço de *Marlboro*.

— Eu deixei de fumar! — disse Noëlle.

Pelo menos pela terceira vez, tanto quanto Tom se lembrava. Tom despediu-se com um aceno de cabeça e dirigiu-se à porta principal.

Mme Annette não fechara ainda os portões. «Fechá-los-ei no regresso», pensou Tom. Virou à esquerda e encaminhou-se para o centro de Villeperce. Estava frio para meados de agosto. Rosas floresciam em profusão nos jardins dos vizinhos, visíveis por detrás de cercas de arame. A mudança de hora permitia uma claridade superior à normal, mas Tom desejou subitamente ter consigo uma lanterna para o regresso a casa; não havia passeios decentes naquele caminho. Tom respirou fundo. Pensa em Scarlatti amanhã, no cravo em vez do caruncho. Pensa em levar Héloïse à América, no fim de outubro, talvez. Seria a segunda viagem dela. Héloïse adorara Nova Iorque e achara São Francisco uma beleza. E também o azul do Pacífico.

Luzes amareladas provinham de algumas das casinhas da aldeia. Lá estava o talismã do Georges, o *tabac* vermelho inclinado por cima da porta, com um clarão de luz por baixo.

— Marie — disse Tom ao entrar, cumprimentando com a cabeça a proprietária, que acabava de pousar no balcão, com ruído, uma cerveja para um cliente.

Era um bar de trabalhadores, mais perto da casa de Tom do que o outro da aldeia, e muitas vezes mais divertido.

— M. Tome! *Ça va?*

Marie lançou para trás o cabelo preto encaracolado com um gesto coquete, e a sua boca grande, resplandecente de batom, ofereceu a Tom um sorriso atrevido. Tinha 55 anos, no máximo.

— *Dis-donc!* — berrou ela, retornando à conversa com dois homens a beber *pastis* ao balcão. — Esse burro... esse *burro!* — gritou como a chamar a atenção para esta palavra, trocada muitas vezes por dia no estabelecimento.

Sem obter atenção dos homens, que falavam agora ao mesmo tempo e muito alto, prosseguiu:

— Esse *burro* aceita tudo! É como as gajas, sempre de perna aberta! Foi muito bem feito!

Falaria acerca de Giscard, perguntou-se Tom, ou de um pedreiro local?

— Café — pediu Tom quando conquistou, por uma fração de segundo, a atenção de Marie — e um maço de *Marlboro!*

Sabia que Georges e Marie eram pró-Chirac, o chamado fascista.

— Eh, Marie! — ressoou a voz de barítono de Georges, à esquerda de Tom, tentando acalmar a mulher.

Georges, uma trave de um homem com mãos gordas, polia copos de pé, que arrumava depois, delicadamente, na prateleira à direita da caixa registadora. Atrás de Tom, seguia um jogo barulhento de matraquilhos: quatro adolescentes manejavam varões, e homenzinhos de chumbo, envergando calções de chumbo, pontapeavam uma bola do tamanho de um berlinde, rodando sobre o eixo, para trás e para a frente. Tom reparou, de súbito, na última curva do balcão, à esquerda, num rapaz que vira na estrada, perto de casa, dias antes. O adolescente tinha cabelo castanho e usava um blusão de ganga, de trabalho, azul — o habitual azul francês — e calças de ganga, Tom lembrava-se. Quando Tom o vira pela primeira vez — ao abrir os portões, uma tarde, para uma visita esperada —, o rapaz mudara de posição, debaixo de um grande castanheiro do outro lado da estrada, e afastara-se de Villeperce. Estaria a vigiar Belle Ombre, a espiar os hábitos da família? Outro pequeno problema como o do caruncho, refletiu Tom. Pensa noutra coisa! Tom mexeu o café, sorveu-o, olhou de novo o rapaz e viu-o a fitá-lo. O rapaz baixou logo os olhos e pegou no copo de cerveja.

— *Coutez, M. Tome!* — Marie, debruçada sobre o balcão, diante de Tom, agitava o polegar na direção do rapaz. — *Américain* —

murmurou alto, por sobre a barulheira infernal da máquina de discos que acabava de ser ligada. — Diz que veio para cá trabalhar no verão. Ah, Ah! — gargalhou, rouca, como se desse vontade de rir um americano querer trabalhar ou talvez porque acreditasse não existir em França qualquer trabalho para fazer, daí o desemprego. — Quer conhecê-lo?

— *Merci, non*. Ele trabalha onde? — perguntou Tom.

Marie encolheu os ombros e atendeu um grito que pedia cerveja.

— Oh, o senhor sabe muito bem onde se mete *daquilo!* — Marie gritou, alegre, para outro cliente, enquanto tirava a cerveja.

Tom pensava em Héloïse e na possível viagem pela América. Tinham de ir a New England, desta vez. Boston. O mercado de peixe, Independence Hall, Milk Street e Bread Street. Era a terra natal de Tom, mesmo que mal a conhecesse agora, supunha. A tia Dottie, a tia dos presentes de onze dólares e setenta e nove cêntimos dados de má vontade sob a forma de cheques, nos velhos tempos, morrerá, deixando-lhe dez mil dólares, mas não a casinha abafada onde morava, do que Tom teria gostado. Tom poderia, pelo menos, mostrar a Héloïse a casa onde crescera, mostrá-la por fora. Tom calculava que os filhos da irmã da tia Dottie tivessem herdado a casa, pois a tia Dottie não tinha filhos. Tom deixou sete francos no balcão para pagar o café e os cigarros, tornou a olhar de relance o rapaz de blusão azul e viu-o pagar também. Tom apagou o cigarro, disse «*Soir!*» a ninguém em especial e saiu.

Fazia já escuro. Tom atravessou a estrada principal, sob a luz não muito brilhante de um candeeiro, e entrou na rua mais escura onde ficava a sua casa, a uns duzentos metros de distância. A rua de Tom era quase direita, com duas vias e pavimentada, e Tom conhecia-a bem; mesmo assim, agradou-lhe a aproximação de um carro, cujos faróis lhe permitiam ver o lado esquerdo da rua por onde caminhava. Mal o carro passou, Tom apercebeu-se de passos rápidos, embora leves, atrás de si, e virou-se.

A figura tinha uma lanterna. Tom viu umas calças de ganga e sapatos de ténis. O rapaz do bar.

— Mr. Ripley!

Tom contraiu-se.

— Sim?